

## Disposições ao coletivismo e feminilidade no reconhecimento das emoções<sup>1</sup>

Nilton S. Formiga<sup>2</sup>  
Leônio Camino  
Eliana Ismael

---

### Resumo

Neste trabalho serão abordadas as disposições ao coletivismo e à feminilidade como influentes no processo emocional. O coletivismo estaria associado à dependência emocional em relação a grupos formais ou informais e a feminilidade, dimensão que se refere mais a um estereótipo do que uma disposição individual, associa-se aos traços salientes como o apoio afetivo às outras pessoas e o compartilhamento das emoções. Objetiva-se estudar como estas duas disposições afetam o reconhecimento das emoções de cólera, alegria e tristeza. 209 sujeitos, a maioria do sexo feminino e entre 16 a 27 anos de uma Universidade privada de João Pessoa, responderam uma escala de protótipos emocionais, um inventário de papéis sexuais e uma escala de individualismo-coletivismo. Os resultados mostraram que as disposições ao coletivismo e feminilidade apresentam uma influência no processo emocional, capaz de promover expressões e comportamentos socialmente aceitáveis, porém, se caracterizando mais como um estereótipo do que a emoção em si.

*Palavras-Chave:* Coletivismo; Feminilidade; Emoção.

### Dispositions to the collectivism and femininity in the recognition of the emotions

### Abstract

In this work will be studied the collectivism and the femininity characteristics and their influence in the emotional process. The collectivism would be associated with the emotional dependence in relation to the formal and informal groups and femininity, the dimension which refers more to a stereotype than to an individual disposition, associated to the salient traits, as the affective support to other people and the sharing of emotions. The aim is to study how these two dispositions influence the recognition of anger, happiness and sadness emotions. 209 people, most of them female from 16 to 27 years old of a private university of João Pessoa, answered the emotional prototypes scale, the inventory of sex role and the individualism-collectivism scale. The results showed that dispositions to collectivism and femininity influenced the emotional process, producing socially acceptable expressions and behavior, however, characterized more as a stereotype than an emotion.

*Keywords:* Collectivism; Femininity; Emotion.

---

### Introdução

O estudo sobre a origem e função das emoções surgiu, inicialmente, com as teorias fisiológicas e psicológicas, passando pelas concepções cognitivas e culturais, podendo-se destacar conhecidos autores e suas idéias. Darwin (1872/1965), com seus estudos sobre *A expressão das emoções nos homens e animais*,

considerava as emoções uma interação entre o organismo e o ambiente em termos de um modelo do comportamento adaptativo: se por um lado à emoção preparava o organismo para respostas, por outro, a mesma era expressa facilitando a interação. Por sua vez, W. James (Scherer, 1997), em seu trabalho *A natureza das emoções*, tratava-a em termos de sensação das reações periféricas. Para esse autor a emoção seria uma sensação

---

<sup>1</sup> Durante a realização deste estudo, contou-se com a Bolsa de IC/CNPq, instituição à qual agradecemos.

<sup>2</sup> Endereço para correspondência:

CEULP – ULBRA, Curso de Psicologia, Coordenação de Psicologia

AV.: Teotônio Segurado, 1501 Sul – Palmas/TO - 77054-970.

e-mail: [nsformiga@yahoo.com](mailto:nsformiga@yahoo.com) ou [nsformiga@ulbra-to.br](mailto:nsformiga@ulbra-to.br)

de *feedback* automático – aceleração dos batimentos cardíacos, tensão no estômago – e um *feedback* muscular – postura, expressão facial (Fiske & Taylor, 1991). Segundo Rimé (1997), James, Lange e Cannon desenvolvem uma teoria sobre as emoções enfatizando sua localização no cérebro.

De fato, as teorias sobre as emoções se centraram na década de 30 nos conteúdos fisiológicos. Com o movimento *New look in perception* na psicologia social durante os anos 40 o qual mostrava o impacto dos fatores internos cognitivos e motivacionais sobre a percepção (Turner, 1994), foi possível conceber nos estudos das emoções que não seria possível compreender tal fenômeno apenas em termos empíricos e positivistas, mas juntamente com a perspectiva cognitiva, considerar o entendimento dos indivíduos em relação à situação e aos eventos emocionais um processo interpretativo. De grande importância, tal movimento buscava uma integração entre os processos emocionais, cognitivos, às reações fisiológicas e o aspecto de avaliação dos estados emocionais (Ismael, Maciel & Camino, 1996).

Com esses novos aspectos incorporados às teorias sobre a emoção, vão se destacando diversos fatores como o contexto social e cultural, saindo da concepção de reação fisiológica – inata - determinada por um evento, podendo pensar a emoção em termos de determinação, na maioria das vezes, pelas necessidades definidas culturalmente (Markus & Kitayama, 1991; Mesquita & Frijda, 1992; Smith & Bond, 1993; Paéz & Vergara, 1995).

Dessa forma, dependendo de qual perspectiva se adote, a noção do conceito do que é cultura é essencial para que se compreenda esse estudo, apesar de não se tratar de um estudo transcultural. Para a perspectiva cognitivista, cultura pode ser definida como um sistema organizado de significados que membros da mesma cultura atribuem às pessoas e aos objetos que a constituem (Smith & Bond, 1993). Já Triandis (1994) afirma que são valores que conduzem o homem para os aspectos relevantes do ambiente social, podendo ser usados pelas pessoas para avaliar seu próprio comportamento como também o dos outros.

Para Triandis (1989; 1990), a variação dos comportamentos sociais difere entre pessoas e culturas individualistas e coletivistas, pois o elemento cultural de uma sociedade pode ser organizado como modelo, em que cada cultura possui uma única e específica configuração. Assim, pode-se identificar alguns esquemas gerais para todas as culturas, que podem ser denominados de “síndromes”, considerados como normas e valores, organizados acerca de algum tema. Desse modo, as dimensões culturais permitem

estabelecer suas influências nas formas em que diversas culturas representam as emoções.

Quanto à masculinidade e feminilidade, tais fenômenos podem ser representados considerando algumas condutas de características psicológicas e comportamentais. Por exemplo, ao homem atribuem-se competência, racionalidade, capacidade para enfrentar o meio, êxito; às mulheres atribuem-se o calor emocional, afetividade, sensibilidade, dependência e atitudes orientadas às outras pessoas (Paéz, Torres & Echbarría, 1990). Segundo Fernández e Vergara (1998) os sujeitos em culturas femininas têm como mais típica experiência emocional a intensidade nas reações físicas e nas condutas interpessoais; em culturas masculinas, o antecedente ao êxito se apresenta em alto nível principalmente em situações de alegria e tristeza. Não obstante, para Paéz e Vergara (1995) a representação social das emoções são em geral dependentes do conhecimento que os indivíduos têm a respeito de suas relações sociais, norma e valores, que variam de cultura para cultura.

As dimensões *individualismo e coletivismo* se referem à compreensão da identidade do sujeito. Quando definida através de escolhas e realizações pessoais, independência e autocontrole emocional em relação ao grupo ou organização e auto-suficiência, então pode ser considerada parte da dimensão *individualista*. Já as características e qualidades do seu grupo de pertença, a ênfase no relacionamento interdependente, compreensão e empatia afetiva, assim como conservação de um bom relacionamento interpessoal, capaz de exibir um comportamento emocional dependente das pessoas referidas ao seu *in-group*, mostrando uma relação estável e de subordinação ajustando seus objetivos aos do grupo, referem-se à dimensão *coletivista* (Hofstede, 1980; Kagitçibasi & Berry, 1989; Schwartz, 1994; Paéz & Vergara, 1995; Gerganov, Dilova, Petkova, & Paspalanova, 1996; Gelfand, Triandis & Chan, 1996).

Dessa forma, as culturas coletivistas contêm uma representação da interdependência do *self* e das emoções, enquanto que as culturas individualistas contêm uma representação independente de si mesmo e das emoções. Essas perspectivas culturais diferenciam nas formas de expressões das reações emocionais, pois os coletivistas têm uma posição potencial interdependente com outras pessoas, destacando a proteção do relacionamento; por sua vez, os individualistas apresentam uma posição independente deles mesmo, enfatizando proteção da autonomia (Smith & Bond, 1993). Assim, tem-se estabelecido que a dimensionalidade do conceito parece depender do contexto da investigação. Essas estão inclusas em ambas

as dimensões – coletivismo e individualismo – e nos estudos transculturais. Concretamente, a diferença nas formas de manifestações do individualismo e coletivismo refletirá nas representações dessas dimensões em diferentes culturas (Páez & Vergara, 1995; Gerganov, Dilova, Petkova & Paspalanova, 1996; Torres, Gomes, Techio & Camino, 1996). As dimensões *masculinidade* e *feminilidade* dizem respeito à identidade de gênero, referem-se às expectativas da sociedade em relação à adequação da melhor regra a cada sexo – masculino e feminino – em seu contexto histórico-cultural específico, enfatizando a conquista e harmonia pessoal que caracterizam os gêneros em algumas culturas (Ferreira, 1995; Souza & Ferreira, 1997; Torres, Gomes, Techio & Camino, 1996). Tais expectativas refletem-se nas cognições e atitudes de cada indivíduo, orientando o comportamento em sua interação social, como também em relação às disposições emocionais socialmente diferenciadas entre os gêneros; como exemplo temos a empatia, a frequência do medo e a tristeza expressadas mais pelas mulheres, e apresentando um comportamento mais sensível, que implica em um estilo mais repressivo (Formiga & Camino, 1999).

Com base nos episódios emocionais, as concepções em termos do senso comum sobre a raiva, tristeza, alegria e seu reconhecimento da tipicidade atribuído as suas livres lembranças categorizadas estão associadas ao sexo. Dessa forma, as mulheres mostram mais expressividade emocional e apresentam reações subjetivas como parte dos eventos sociais emocionais e da densidade com as relações sociais que as responsabilizam para se apresentarem frágeis e delicadas (Páez & Vergara, 1992).

A identidade de gênero consiste em como o ser masculino e feminino autopercebem o seu papel vivencial, configurados em salientes traços instrumentais e expressivos. Esses são incorporados ao autoconceito do indivíduo, levando assim, a comportar-se de acordo com essa imagem, baseado nos aspectos decorrentes da história, conformado culturalmente nas duas categorias sexuais. As diferenças instrumentais e expressivas nesses traços ou qualidades refletiriam as diferenças dos comportamentos associados aos papéis sexuais (Bem, 1981; Vergara & Páez, 1993; Schwartz, 1994; Ferreira, 1995).

Com isso, tomando como base a teoria exposta, o presente trabalho tem como objetivo avaliar, com base em um grupo homogêneo de uma dada cultura, a diferença quanto às disposições individuais, no que se refere ao coletivismo e feminilidade, e como elas afetam a maneira de perceber as emoções básicas. Assim, espera-se encontrar diferenças significativas quanto aos sujeitos que apresentam

maior adesão aos valores coletivistas, mostrem-se mais sensíveis aos aspectos externos e às condições sociais em relação às emoções. Espera-se que na dimensão de feminilidade, os sujeitos apresentem emoções mais rígidas pela representatividade e empatia.

## Método

### Participantes

Participaram da pesquisa 209 estudantes universitários, do curso de Ciências Humanas de uma universidade privada de João Pessoa – PB, de ambos os gêneros, 55% do sexo feminino e 45% do sexo masculino. A idade variava de 16 a 27 anos (*média* = 20,5; *desvio padrão* 3,10). A amostra foi intencional, pois se considerou a pessoa que, consultada, dispusera-se a colaborar respondendo o questionário apresentado.

### Instrumento

Os sujeitos responderam os seguintes instrumentos:

*A Escala de protótipos emocionais* (Páez e Vergara, 1992). Esse instrumento pretendia avaliar como os indivíduos representam os três tipos de emoções (*alegria, tristeza, cólera* ou *raiva*), verificando os elementos típicos ou característicos de cada emoção. É composta por várias sub-escalas: antecedentes das emoções, respostas físicas, respostas abertas interpessoais, respostas abertas expressivas, reações mentais de pensamento e de sentimento, mecanismos de autocontrole. O número do item de cada sub-escala varia conforme o tipo de emoção recordada, assim, a tipicidade de cada emoção é avaliada por uma escala tipo Likert variando de 1 (nada típico) a 4 (muito típico). Para assegurar tanto os itens como a compreensão das instruções que os antecediam procedeu-se a uma validação semântica. Para tanto, foi considerada uma amostra de 20 sujeitos da população meta.

*O Inventário de papéis sexuais, BSRI* (Bem, 1974). Esse inventário é constituído por 18 adjetivos em uma escala tipo *Likert*, que vai de 1 (nunca) a 7 (sempre). Pretendeu-se avaliar o grau de concordância ou discordância entre os sujeitos quanto ao papel desempenhado, por homens e mulheres, na sociedade.

A Escala de individualismo-coletivismo (Triandis, Brislin & Hui, 1988). Nessa escala procurou-se avaliar o grau de adesão dos sujeitos quanto aos valores de individualismo e coletivismo. É constituída por 24 itens, distribuídos em uma escala tipo Likert, que variavam de 1 (discordo muito) a 4 (concordo muito).

Caracterização sociodemográfica. Uma folha separada foi anexada ao instrumento, na qual solicitava-se informação de caráter sociodemográfico (por exemplo, idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade etc.).

*Procedimento*

O primeiro passo consistiu na adaptação do português de Portugal para o português do Brasil, do questionário de protótipos emocionais, desenvolvido pela equipe de pesquisa dos professores Dário Páez e Ana Vergara, da Faculdade de Psicologia do País Vasco em San Sebastian, na Espanha. Ao mesmo tempo, realizou-se a validação verbal ou semântica do questionário.

Pessoas treinadas e instruídas ficaram responsáveis pela coleta dos dados e aplicaram o instrumento coletivamente em sala de aula, após conseguir a autorização dos coordenadores dos cursos e do professor responsável pela disciplina. Os aplicadores solicitaram a colaboração voluntária dos estudantes no sentido de responderem um questionário breve. Foi-lhes dito que não havia respostas certas ou erradas, e que respondessem individualmente; a todos era assegurado o anonimato das suas respostas, que seriam tratadas em seu conjunto.

Apesar do questionário ser auto-aplicável, contando com as instruções necessárias para ser respondido, os aplicadores estiveram presentes durante toda a aplicação para retirar eventuais dúvidas ou realizar esclarecimentos

que se fizessem indispensáveis. Um tempo médio de 35 minutos foi suficiente para concluir essa atividade.

*Tabulação e Análise de Dados*

Utilizou-se a versão 7.5 do pacote estatístico *SPSSWIN* para tabulação e análise dos dados. Realizaram-se estatísticas descritivas (tendência central e dispersão), com a finalidade de caracterizar a amostra, como também, o *Qui-quadrado* ( $\chi^2$ ) a fim de verificar a diferença entre as frequências dos grupos quanto à concordância ou não (Bisquerra, 1989) nas disposições de coletivismo e feminilidade no reconhecer as emoções.

**Resultados e Discussão**

A fim de verificar as diferenças da frequência apontada pelos sujeitos quanto à disposição ao coletivismo e feminilidade, foi realizado um qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Na Tabela 1 encontram-se os resultados relacionados à disposição ao coletivismo atribuído às causas da emoção de alegria, cólera e raiva e tristeza.

Tabela 1 - Percentagem das respostas dadas pelos sujeitos à disposição ao coletivismo por emoções de alegria, cólera ou raiva e tristeza. Valores de p e  $\chi^2$

Causas da emoção de Alegria	Disposição ao Coletivismo				Estatística		
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Obtém algo que se esperava	Sim	81	97	93	9,58	2	0,01
	Não	19	03	07			
Receber algum prêmio	Sim	82	84	66	6,53	2	0,05
	Não	18	16	34			
Causas da emoção de Cólera ou Raiva	Disposição ao Coletivismo				Estatística		
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Mudança na respiração	Sim	70	47	58	5,31	2	0,05
	Não	30	53	42			
Sentir rubor na pele ou corar	Sim	55	31	42	5,59	2	0,05
	Não	45	69	42			
Causas da emoção de Tristeza	Disposição ao Coletivismo				Estatística		
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Morte de alguém querido	Sim	78	62	87	8,25	2	0,01
	Não	22	38	13			
Morte por negligência(tragédia)	Sim	59	63	83	10,42	2	0,01
	Não	41	37	17			

No que se refere ao coletivismo, encontrou-se um efeito significativo para características *anteriores* da emoção de alegria. A maioria dos sujeitos dispostos ao coletivismo considera que o estar alegre se deve quando *Obtém algo que se esperava* ( $\chi^2_2 = 9,380, p < 0,01$ ); da mesma forma, mais da metade dos que se consideram médio ou pouco coletivista atribuíram a causa dessa emoção a *Receber algum prêmio* ( $\chi^2_2 = 6,529, p < 0,05$ ).

Em relação à emoção de *cólera ou raiva*, dos sujeitos que identificaram respostas fisiológicas, mais de 50% dos sujeitos que se consideram pouco coletivista atribui esse estado emocional à *Mudança na respiração* ( $\chi^2$

$= 5,31; p < 0,05$ ); porém quanto ao *Sentir rubor na pele ou corar-se* ( $\chi^2_2 = 5,59, p < 0,05$ ) mais da metade dos sujeitos entre médio e muito coletivista não o reconhecem como parte da sua experiência emocional de raiva ou cólera. No que diz respeito à *emoção de tristeza* 87% os sujeitos considerados muito coletivista destacam que a *Morte de alguém querido* ( $\chi^2_2 = 8,247, p < 0,01$ ) e *Morte por negligência* (Tragédia) ( $\chi^2_2 = 10,419, p < 0,01$ ) são responsáveis por essa experiência emocional.

Tabela 2 - Percentagem das respostas dadas pelos sujeitos à disposição ao coletivismo por emoções de alegria, cólera ou raiva e tristeza. Valores de p e  $\chi^2$

Causas da emoção de Alegria	Disposição à Feminilidade			Estatística			
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Sentir excitado, emocionado	Sim	77	94	96	13,34	2	0,001
	Não	23	06	04			
Dar saltos	Sim	60	70	81	5,95	2	0,05
	Não	40	30	19			
Causas da emoção de Cólera ou Raiva	Disposição à Feminilidade			Estatística			
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Chorar	Sim	47	61	81	13,34	2	0,001
	Não	53	39	19			
Julgar uma situação injusta, errada	Sim	73	56	54	5,59	2	0,05
	Não	27	44	46			
Causas da emoção de Tristeza	Disposição à Feminilidade			Estatística			
		Pouco	Médio	Muito	$\chi^2$	gl	p <
Morte de alguém querido	Sim	78	62	87	8,25	2	0,01
	Não	22	38	13			
Morte por negligência (tragédia)	Sim	59	63	83	10,42	2	0,01
	Não	41	37	17			

Na Tabela 2 se encontram os dados referidos à disposição à feminilidade no reconhecimento das emoções básicas (*alegria, cólera ou raiva e tristeza*). Observando esses resultados, mais da metade dos que estão dispostos à feminilidade enfatizam para a emoção de alegria respostas como: *Sentir-se excitado, emocionado* ( $\chi^2_2 = 13,34, p < 0,001$ ) e *Dar saltos* ( $\chi^2_2 = 5,952, p < 0,05$ ).

Quanto à emoção de *cólera ou raiva*, pode ser observado que mais de 50% dos sujeitos que se apresentam muito dispostos à feminilidade consideram

o *Chorar* ( $\chi^2_2 = 13,34; p < 0,001$ ) uma experiência ou característica comum para a raiva; por sua vez, 73% dos que se consideram menos dispostos à feminilidade afirmam que essa emoção se deve quando *Julga uma situação injusta ou errada* ( $\chi^2_2 = 5,43, p < 0,05$ ). Finalmente, para a emoção de *tristeza*, acima de 50% dos sujeitos considerados femininos destacaram que a *Mudança da Respiração* ( $\chi^2_2 = 8,29, p < 0,01$ ) e *Elevação da taxa cardíaca ou aumento do batimento cardíaco* ( $\chi^2_2 = 6,79, p$

< 0,01) caracteriza tal experiência emocional.

### Conclusões

Com base nos dados obtidos parece ser possível compreender as emoções e seus respectivos *scripts* (Techio, 1999), porém neste trabalho, deve-se considerar apenas disposições às dimensões culturais de coletivismo e feminilidade. Com isso, destacou-se as reações e comportamentos das emoções mais básicas (alegria, tristeza e cólera ou raiva) vividas pelos sujeitos, salientando percepções sobre esses estados, representando toda uma construção social sobre esses aspectos.

Assim, quando observando as disposições à feminilidade, podem-se destacar as saliências dos traços expressivos relacionados aos comportamentos emocionais percebendo o quanto esses indivíduos reconhecem as emoções em termos da estereotipia; não quanto às manifestações fisiológicas dessa experiência, mas sim, no que diz respeito à percepção da mesma quando expressada. O que pode possibilitar a reflexão sobre a dimensão sociocultural e a perceptiva que cada indivíduo pode apresentar relacionado às experiências e expressões de tal fenômeno, compreendendo-o com fundamento em suas bases culturais.

Tais resultados podem demonstrar que, principalmente se o sujeito apresentar um estilo emocional mais sensível, estará neste caso, mais disposto à feminilidade, podendo assim, explicitar sensivelmente a emoção sentida. Por exemplo, geralmente é comum quando se encontra uma pessoa chorando sensibilizar-se por ela e perguntar o que está sentindo ou o que se passa, caracterizando o tipo de emoção a qual foi observada, atribuindo que a pessoa está triste ou com problemas.

Com isso, para as disposições coletivistas, partindo do exposto teoricamente, os sujeitos poderão se apresentar mais interdependente, cooperadores, e enfatizar a proteção do relacionamento. Essas características podem ser destacadas nos resultados, principalmente os que estão mais dispostos a tal dimensão: parecem se mostrar mais compreensíveis e sensíveis com os outros (Tabela 1); o contrário também parecer ser verdadeiro, isto é, dos que se consideram pouco ou nada coletivistas, implicitamente, individualistas, atribuem as causas das emoções, especificamente a de cólera ou raiva, a percepções mais fisiológicas. De fato é compreensível esse tipo de experiência emocional, pois a reação física se sente individualmente; o mesmo acontece quanto ao se alegrar com presentes ou ter uma surpresa, isto também se dá no plano individual, direcionado apenas para o sujeito.

O fato de os sujeitos estarem dispostos ao coletivismo ou feminilidade parece ter uma influência no processo emocional, o qual não somente se relaciona ao que se aprendeu anteriormente, bem como à frequência com que se apresentam quanto ao ser interdependente e serem empáticos afetivamente, mais sensíveis e repressivos. Essas características podem ser encontradas quando se trata da feminilidade, corroborando o senso comum, que atribui às pessoas mais expressivas na alegria, geralmente, como sendo mais expansivas.

Assim, considerar as dimensões tanto do coletivismo quanto da feminilidade poderá revelar tendências às experiências emocionais, embasadas mais em estereótipos que na disposição individual dos sujeitos, pois estão fortemente determinados pelo contexto sociocultural. Isso leva a crer na existência de traços específicos em cada indivíduo, resultante da sua participação e construção social da realidade (Camino, 1996), principalmente, no que diz respeito a essas dimensões. Considerá-las permitirá a compreensão de que tal experiência emocional vai além da considerada subjetividade em psicologia pois, segundo Rey (1997), são dinâmicas em sua natureza e por si mesmas sociais. Afinal surgem das mais diversas formas de relações humanas.

Dessa forma, quando se analisa, principalmente o contexto social e tais fenômenos emocionais experimentados pelas pessoas, muitos são os aspectos que os diferenciam, não só no que diz respeito à identidade de gênero, como também os relacionados aos construtos culturais, os quais são capazes de expor adaptações a indicadores socioculturais, supondo-os serem padrões sociais considerados inalterados (Hewstone, Strobe, Codol & Stephenson, 1990), os quais são, nada mais nada menos, construções sociais.

### Referências Bibliográficas

- Bem, S. L. (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42, 155-162.
- Bem, S. L. (1981). Gender schema theory: A cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, 88, 354-364.
- Bisquerra, A. R. (1989). *Introducción conceptual al análisis multivariable: Un enfoque informático con los paquetes SPSS-X, BMPD, LISREL y SPAD*. Barcelona: PPU.

- Camino, L. (1996) *O Conhecimento do Outro e A Construção da Realidade Social: Uma Análise da Percepção e da Cognição Social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB.
- Darwin, C. (1872/1965). *The Expression of emotion in Man and Animals*. Chicago: The University of Chicago Press (publicado originalmente em 1872).
- Fernández, I. & Vergara, A. I. (1998). La dimensión de masculinidad-feminidad y los antecedentes, las reacciones mentales y los mecanismos de autocontrol emocional. *Revista de Psicología Social*, 13 (2), p. 171-179.
- Ferreira, M. C. (1995). Masculinidade, Feminilidade e Ajustamento. *Revista de Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8 (2), 205-224.
- Fiske, T. S. & Taylor, E. S. (1991). *Social Cognition*. 2. ed. Second Edition. New York: McGraw-Hill.
- Formiga, N. S. & Camino, L. (1999). Os antecedentes das emoções de cólera ou raiva, alegria e tristeza: sua diferença entre homens e mulheres. *VII encontro de iniciação científica da UFPB*. João Pessoa, PB.
- Gelfand, M. J.; Triandis, H. C. & Chan, D. K-S (1996). Individualism versus collectivism or versus authoritarianism?. *European Journal of Social Psychology*, 26, 397-410.
- Gerganov, E. N., Dilova, M. L., Petkova, K. G. and Paspalanova, E. P. (1996). Culture-specific Approach to the Study of Individualism/Collectivism. *European Journal of Social Psychology*, 26, 277-297.
- Hewstone, M. Stroebe, W., Codol, J. P. & Stephenson, G. M. (1990). *Introducción a la psicología social: Una perspectiva europea*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Hofstede G. (1980). *Culture's Consequences*. Beverly Hills: Sage.
- Ismael, E., Maciel, C & Camino, L. (1996). O Conhecimento do Outro: Explicações em termos de Cognição Social. In L. Camino (Org.) *O Conhecimento do Outro e A Construção da Realidade Social: Uma Análise da Percepção e da Cognição Social*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p. 59-118.
- Kagitçibasi, C. and Berry, J. W.(1989). Cross-Cultural Psychology: Current Research and Trends. *Annual Review Psychology*, 40, 493-531.
- Markus, H. & Kitayama, S. (1991). Culture and the self: Implications for cognition, emotion and motivation. *Psychological Bulletin*, 98, 224 - 253.
- Mesquita, B. & Frijda, N. H. (1992). Cultural Variations in Emotions: a Review. *Psychological Bulletin*, 11 (2), 179-204.
- Páez, D. & Vergara A. I. (1992). Conocimiento social de las emociones: evaluación de la relevancia teórica y empírica de los conceptos prototípicos de cólera, alegría, miedo y tristeza. *Aprendizaje, Cognitiva*, 4 (1), 29-48.
- Paez, D. & Vergara A. I. (1995). Culture Differences in Emotional Knowledge: A Study in Mexico, Chile, Belgium and the Basque Country (Spain). Em: J. A. Russell, J.-M. Fernandez-Dos, A. S. Manstead & J. C. Wellenkamp (Eds.) *Everyday Conceptions of Emotion: An Introduction to the Psychology, Anthropology and Linguistics of Emotion*. Dordrecht (The Netherlands), Kluwer Academic Publishers, p. 415 - 434.
- Páez, D., Torres, B. & Echebarria, A. (1990). Esquema de si, representación social y estereotipo sexual. Em G. Musitu (Org.). *Procesos psicosociales básicos*. Barcelona: PPU, p. 229-234.
- Rey, F. G. (1997). Definiciones teóricas sobre la personalidad y el sujeto psicológico; sus repercusiones epistemológicas y metodológicas. Em: *Epistemología cualitativa y subjetividad*. São Paulo: Educ.
- Rimé, B. (1997). Emotion et cognition. Em: J. P. Leyens & J. L. Beavouis (Eds.). *L'ère de la cognition*, Paris: Presses Universitaires de Grenoble, p. 101-125.
- Scherer, (1997). Emotion, communication and relationships. Em: W. S. Hewstone & G. M. Stephenson (Org.). *Introduction to social psychology: An european perspective*. 2. ed. Oxford: Blackwell publishers, p. 279-312.
- Schwartz, S. (1994). Beyond Individualism/ Collectivism: New Cultural Dimensions of Values. In U. Kim, H. C. Triandis, C. Kagitçibasi, S. C. Choi & G. Yoon (Eds.). *Individualism and Collectivism: Theory, Method, and Applications*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Smith, P. B. & Bond, M. H. (1993). *Social psychology across cultures*. New York: Harvester.
- Souza, M. A., & Ferreira, M. A. C. (1997). Identidade de gênero masculina em civis e militares. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10, 301-314.
- Techio, E. M. (1999). *Conhecimento social das emoções: Um estudo em termos de fatores cognitivos e culturais*. (Dissertação de mestrado) João Pessoa – PB. Universidade Federal da Paraíba.
- Torres, A. R., Gomes, G. O., Techio, E. M. & Camino, L. (1996). Diferenças entre sociedades individualistas e coletivistas relacionadas com o fenômeno da diferenciação inter-grupal. In L. Lhullier, L. Camino, & S. Salvador (Orgs.). *Estudos Sobre Comportamento Político: Teoria e Pesquisa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 175-199.
- Triandis, H. C. (1989). The Self and Social Behavior in Differing Cultural Contexts. *Psychological Review*, 96, 506-520.
- Triandis, H. C. (1990). Cross-Cultural Studies of Individualism and Collectivism. In J. Berman (Ed.) *Nebraska Symposium on Motivation*, 1989. Lincoln: University of Nebraska Press. p. 41-133.
- Triandis, H. C. (1994). Theoretical and methodological approaches to the study of Collectivism and Individualism. Em: U. Kim, H. C. Triandis, C. Kagitçibasi,

- S. C. Choi & G. Yoon (Eds.). *Individualism and Collectivism: Theory, Method, and Applications*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. p. 41-51.
- Triandis, H. C., Brislin, R. & Hui, C. H. (1988). Cross-cultural training across the individualism-collectivism. *International Journal of Intercultural Relations*, 12, 269-289.
- Turner, J. C. (1994). El Campo de la psicología social. Em: J. F. Morales (Coord.). *Psicología social*. McGraw-Hill, Madrid, p. 3-21.
- Vergara, A. I. & Páez, D. (1993). Revisión Teórico- Metodológica de los Instrumentos para la Medición de la Identidad de Género. *Revista de Psicología Social*, 8 (2), 133-152.

*Recebido em 09/05/2001*

*Revisado em 31/03/2002*

*Aceito em 24/05/2002*

Sobres os autores:

**Nilton Soares Formiga** é mestre em Psicologia Social e professor do Centro Universitário Luterano de Palmas – ULBRA.

**Leôncio Camino** é psicólogo social e professor na Universidade Federal da Paraíba.

**Eliana Ismael** é mestre em Psicologia Social pela UFPB e Professora do Centro Universitário de João Pessoa, UNIPE.